

San Alberto Magno, *Sobre el alma*, traducción, introducción y notas de Jörg Alejandro TELLKAMP, (Pensamiento medieval y renacentista, 132) EUNSA, Pamplona 2012; 532 pp.; ISBN: 9788431328825.

Alberto Magno, apesar do nome, da importância, influência e extensão da obra, é um autor muito pouco traduzido e sem o reconhecimento atribuído a outros grandes autores medievais, o que justifica a afirmação de Étienne Gilson, apropriadamente citado no final da introdução (p. 61), de que Alberto é mais famoso do que conhecido. Neste domínio algo tem mudado nos anos mais recentes e Alberto merece agora uma atenção mais sistemática, em particular por parte dos investigadores do Albertus-Magnus-Institut, de Bonn, que, para além de outras iniciativas de investigação, empreendeu há cerca de 70 anos a publicação de uma nova edição das obras completas, conhecida como *editio Coloniensis*, sendo aqui traduzido o volume VII, com o *De anima* publicado por Clemens Stroick em 1968. Esse mesmo Instituto em 2011 editou um valioso volume que constitui também uma introdução à leitura do pensamento e obra do mestre dominicano: *Albertus Magnus und sein System des Wissenschaften. Schlüsseltexte in Übersetzung Lateinische-Deutsche* (Aschendorff V., Münster 2011), apresenta em 10 capítulos os grandes domínios do seu pensamento, privilegiando-se a edição com tradução defronte das secções metodológicas das grandes obras, sendo cada capítulo antecedido de um texto introdutório. Para a apresentação da psicologia enquanto doutrina natural-filosófica da alma (cap. 3) é estudado, publicado e traduzido, por Henryk Anzulewicz, o primeiro tratado do livro I de *Acerca da alma*, que é dedicado à delimitação da ciência da alma, seu objeto, ordem, método e relação com as outras ciências. É justamente esta mesma obra sobre a alma que se publica na íntegra neste volume, em tradução para castelhano por Jörg Alejandro Tellkamp, professor de Filosofia Medieval da Universidad Autónoma Metropolitana de Ciudad de México. Trata-se da primeira tradução integral desta obra alguma vez publicada, que se junta assim à também recente tradução para alemão

de outro tratado de Alberto Magno sobre tema afim, o *Livro sobre a natureza e origem da alma* (Albert der Große, *Liber de natura et origine animae – Über die Natur und den Ursprung der Seele*, Lateinisch Deutsch übersetzt und eingeleitet von Henryk Anzulewicz, Herder V., Freiburg 2006). Para além de outras obras ou excertos, são sobretudo os comentários a Dionísio pseudo-areopagita que têm merecido a atenção dos tradutores de Alberto Magno, por isso é de saudar este interesse recente sobre as obras acerca da alma, devendo assinalar-se também a tradução de uma seleção de textos sobre a alma extraídos do *De homine* (Albertus Magnus, *Über den Menschen/De homine*, trad. e ed. H. Anzulewicz e J.R. Söder, Felix Meiner V., Hamburg 2004). A obra tinha até agora tido apenas uma tradução parcial (livros II, Tr. 3-4 e III, Tr. 1-2) para alemão na tese de P. Theiss, *Die Wahrnehmungspsychologie und Sinnesphysiologie des Albertus Magnus Ein Modell der Sinnes- und Hirnfunktion aus der Zeit des Mittelalters* (Peter Lang, Frankfurt 1997, pp. 147-417). Assinale-se também a tradução para francês de alguns capítulos do tratado 2 do livro III, sobre o intelecto, por Alain de Libera na sua obra *Métaphysique et noétique. Albert le Grand* (Vrin, Paris 2005, pp. 378-400).

Durante a sua longa vida (c. 1200-1280) Alberto Magno compôs uma extensa obra teológica e nos diferentes ramos da filosofia e das ciências naturais. Os *Opera omnia* publicados por Auguste e Emile Borgnet em Paris entre 1890 e 1899 em 38 compactos volumes retomam edições anteriores e contêm algumas obras apócrifas (tal como acontece com os 27 volumes dos *Opera omnia* editados por Petrus Jamy em Paris, 1651). A *editio critica Coloniensis*, em publicação pelo Albertus-Magnus-Institut desde 1951 e ainda longe do seu fim, prevista para 41 volumes, alguns deles em várias partes e tomos, conterà mais de 70 obras, estando publicadas menos de 30. Alberto de Lauingen, por ter nascido nesta pequena localidade da Baviera, ou Alberto de Ratisbona por ter sido por breve tempo bispo desta diocese germânica, ou Alberto de Colónia por aí ter ensinado e estar sepultado, é mais conhecido pelo nome que lhe atribuíram desde cedo os seus seguidores: *Doctor universalis*, ou Magno, o Grande, tal a dimensão da sua obra, a vastidão dos seus conhecimentos e interesses e a maestria das suas exposições. Após a entrada na Ordem dos frades Pregadores em 1223 ou 1229, frequentou e ensinou nos mais importantes *studia* dominicanos da Alemanha: Hildesheim, Friburgo i.B., Ratisbona, Estrasburgo, talvez Colónia. Em 1245 torna-se *magister* em Teologia na Universidade de Paris, onde comenta as *Sentenças* de Pedro Lombardo, que deixa em 1248 para ir fundar o *studium generale* dominicano de Colónia. Durante largos anos comenta ou parafraseia o *corpus* dionisiano, o *corpus*

aristotelicum e diversos livros bíblicos, ao mesmo tempo que vai assumindo funções na Ordem dos Pregadores e na Igreja, entre eles provincial dos dominicanos na Germânia, enviado à corte papal em Anagni, bispo de Ratisbona.

A discussão dos problemas em torno da alma são centrais em Alberto Magno, como na maioria dos autores medievais, quer em obras teológicas na esteira de Agostinho ou Pedro Lombardo, quer em obras de filosofia natural, na esteira de Aristóteles e da tradição peripatética. Desde o *De homine*, de c. 1246, até ao *De XV problematibus*, uma das suas últimas obras, as questões sobre a alma, o intelecto e o conhecimento estão no centro da reflexão de Alberto. E o *De anima* tem aí um lugar de destaque, por lhes dar um tratamento mais extenso e detalhado, preferentemente dentro da tradição filosófica.

A datação deste tratado é incerta e objeto de controvérsia. Tellkamp, sem dar argumentos ou referências, situa-o em 1260-1261 (p. 20) numa lista de obras que retira de Alain de Libera, mas onde o *De anima* aparece datado de 1254-1257, como reconhece em nota (cfr. idem, n. 9). Antes, na p. 19, havia escrito que Alberto compôs o *De anima* quando era provincial da Teutónia, função que deteve até 1257. A questão tem uma certa importância, não só para a cronologia das obras de Alberto, mas, sobretudo, para o conhecimento da evolução do seu pensamento e da psicologia medieval, sendo que as décadas de 1240-1260 são de um extremo dinamismo filosófico, apesar de ser um período ainda pouco conhecido e difícil de datar. Por exemplo, os editores da já citada obra *Albertus Magnus und sein System des Wissenschaften* situam o *De anima* nos anos 1254-1257, portanto a meio da década em que, após ter comentado a obra de Dionísio entre 1248 e 1250, Alberto comentará ou parafraseará o *corpus aristotelicum* entre 1251 e 1271 no *studium* dominicano de Colónia (cf. op. cit., pp. 29-30 na ótima cronologia e também as pp. 165-166 sobre o *De anima*; veja-se também a cronologia das obras de Alberto sobre filosofia da natureza no Apêndice I de J.A. Weisheipl (ed.), *Albertus Magnus and the Sciences*, PIMS, Toronto 1980, pp. 565-77, *De anima*: nº 9, pp. 568-9). Clemens Stroick na introdução à citada edição do *De anima* (p. Va) refere o testemunho do manuscrito de Basileia, UB, F V 34, f. 59ra, onde se lê que Alberto escreveu os livros *Acerca da alma* quando provincial da Teutónia, portanto entre 1254 e 1257, concluindo que não é possível ser mais preciso quanto à datação («Accuratius sane tempus definiri non potest»). E acrescenta o testemunho das próprias postilhas de Alberto *Super Matthaëum* onde remete para esta sua obra, que portanto terá que lhe ser anterior. As postilhas sobre o evangelho de Mateus por sua vez são anteriores às postilhas *Super Lucam*, que, diz Stroick, teriam sido escritas no período em que era bispo de Ratisbona e,

portanto, são estas postilhas que data de 1260-1261 («Hoc autem opus fortasse, dum munere episcopi Ratisponensis fungitur, scripsit, idest annis 1260-1261»). Clemens Stroick não data o *De anima* de 1260-1261, mas está a argumentar com as datas *antes das quais* a obra teria necessariamente de ter sido escrita e a única data provável é 1254-1257.

Para entender as doutrinas da alma e o contributo de Alberto Magno para as discussões então em curso, conhecer o contexto e ano de composição do *De anima* não é uma questão menor. Entre 1254 e 1261 o debate está vivo e a apropriação das obras de Aristóteles e de Averróis começam a alimentar querelas filosófico-teológicas que na década de 70 terão em Paris um desfecho marcado pela censura de 7 de março de 1277. De qualquer modo, embora Alberto seja um teólogo, é de facto no âmbito do *studium* dominicano de Colónia, e não em Paris, que comenta a obra de Aristóteles, provavelmente com a intenção de formar os jovens noviços.

Tellkamp descreve o *De anima* como “comentário” (cf. p. 23, *passim*), mas esta obra não é um comentário, embora também não seja uma obra totalmente independente do *De anima*. Aparentemente evita a designação “paráfrase” por a entender num sentido negativo, como se percebe quando escreve: «lo que impede que el comentario se convierta en mera paráfrasis es su manejo criativo, crítico y ocasionalmente contradictorio del texto aristotélico» (p. 25; mas na p. 19 diz: «Alberto escribe su paráfrasis al *De anima*»). “Paráfrase” não indica um resumo ou decalque despromovido do original, em Alberto assume um carácter técnico onde é evidente um certo afastamento em relação ao modelo, ampliando-o e acrescentando-lhe muito de próprio. É certo que a sequência de temas e a divisão em três livros coincidem em geral com a obra de Aristóteles, mas dando-lhe um tratamento mais extenso, com mais detalhe e aprofundamento, ou introduzindo outros temas ausentes ou só marginalmente tratados na obra homónima de Aristóteles. A principal razão para esta ampliação e as constantes digressões, sobretudo no livro III, é que Alberto, para além de ter pensamento próprio, tem na sua mesa de trabalho diversas outras obras sobre a alma e a elas recorre com frequência para clarificar passagens, criticar as posições que considera erradas, expor e resolver conflitos de interpretação, ou rejeitar as doutrinas de que discorda contrapondo-lhes a sua própria posição.

As condicionantes da leitura pessoal de Alberto notam-se também na abordagem do texto de Aristóteles, que Alberto não lê em grego, nem ainda na *translatio nova* de Guilherme de Moerbek, concluída c. de 1267. Lê o *De anima* de Aristóteles nas duas traduções então acessíveis, a greco-latina de Tiago de Vene-

za, ou *translatio vetus*, e a arabo-latina de Miguel Escoto, que faz parte do Grande Comentário de Averróis sobre o *De anima*. Seguramente por lapso Tellkamp indica que na sua tradução assinala em cursivo as citações da *translatio nova* (p. 61), porquanto de facto Alberto usa a *translatio vetus* (cfr. ed. de C. Stroick, p. VI, *translatio* de que o próprio dá uma nova edição em aparato ao logo da obra). Um dos recursos exegéticos de Alberto é justamente a colação das traduções, preferindo por vezes a terminologia da arabo-latina, outras da *vetus* greco-latina, outras de ambas (sobre esta questão cf. as pp. V-VII da ed. crítica). Um exemplo de *emendatio* das traduções, baseada apenas na sua interpretação do texto e não na leitura do grego, encontra-se logo no cap. 4 do tratado 1 do livro I, sobre o modo de investigação para a definição da alma, quando discute: «que as afirmações expressas são verdadeiras atesta-o a tradução árabe de Aristóteles (*testatur Aristotelis translatio Arabica*) que diz assim: (...). A tradução grega discrepa desta e é, como penso, enganadora (*Graeca autem translatio discordat ab hac et, ut puto, est mendosa*). Diz assim: (...) e esta <tradução>, para concordar com a arábica, deveria ter assim: (...) e nesse caso seria clara (*Et si deberet concordare cum Arabica, sic deberet habere ... tunc enim plana esset*). Mas, dado que em muitas <passagens> encontramos que as gregas são “mais emendadoras” que as traduções árabes (*in multas invenimus Graecas emendatiores quam Arabicas translationes*), por isso e sustentando isto, afirmamos que existe uma <única> definição de animal enquanto género» (cf. trad. p. 73 e ed. crítica p. 8b; mas ver que na Introdução da ed. crítica, p. VIa, esta passagem é citada para defender que Alberto prefere a tradução greco-latina).

Que estamos perante um tratado e não um comentário, vemo-lo também no facto de Alberto não recorrer de modo sistemático ou exclusivo nem à explicação literal do texto de Aristóteles, nem à técnica das questões, embora aqui e ali as formule para responder a problemas precisos, sem lhe dar a estrutura da *quaestio*. Nos capítulos que não constituem digressões, Alberto atém-se à explicação de Aristóteles, incluindo e glosando passagens do *De anima*. Tellkamp facilita a identificação dessas passagens, indicando nos títulos dos capítulos a correspondente numeração da edição Bekker, devendo notar-se que nesses mesmos capítulos Clemens Stroick edita integralmente em aparato o texto da *translatio vetus* do *De anima*.

Os três livros do *De anima* de Alberto são divididos em tratados e estes em capítulos, correspondendo a cada um dos livros do *De anima* de Aristóteles. Os tratados reorganizam os temas apresentados por Aristóteles e os capítulos aprofundam questões particulares, sendo alguns deles digressões que se afastam da

letra do estagirita, ou discutem os problemas a partir das posições de diferentes autores e escolas, que atestam um aprofundado conhecimento e uma apropriação pessoal da obra de Aristóteles e dos seus comentadores gregos, árabes ou hebraicos. O Livro I tem 2 tratados com 7 e 16 capítulos, com 1 digressão no primeiro e 2 no segundo. O Livro II tem 4 tratados, com 11, 10, 35 e 12 capítulos, respetivamente com 0, 1, 6, 2 digressões. O Livro III tem 5 tratados com 9, 19, 14, 10 e 4 capítulos, respetivamente com 4, 12, 7, 1 e 1 digressões. Nos 37 capítulos-digressão sobressai por vezes um conhecimento de segunda mão dos autores discutidos, sendo a sua principal fonte o Grande Comentário de Averróis sobre o *De anima*, sobretudo para as discussões sobre o intelecto que encontramos no livro III (cfr. Introd., pp. 47, 52). Mesmo assim, Averróis não é uma autoridade recebida acriticamente, uma vez que também é criticado de modo explícito em doutrinas precisas.

São particularmente relevantes no plano filosófico as digressões do livro III, sobre os sentidos internos (Lib. III, Tr. 1, capp. 1 a 9, pp. 357 a 377 da trad.), ou sobre o intelecto possível e as operações do intelecto (III, Tr. 2, capp. 3-14, pp. 383-420), ou sobre a união da alma humana com a inteligência, a teoria da *continuatio*, que é um dos aspectos mais originais da apropriação albertiana do peripatetismo árabe (III, Tr. 3, capp. 6-14, pp. 451-476). Como Clemens Stroick fez notar na introdução à edição crítica (p. XIIIb) logo o primeiro e também o último capítulos da obra contêm digressões. Tellkamp assinala ademais (pp. 24-25) que este é o recurso utilizado pelo filósofo para pôr em confronto as diferentes posições e construir a sua própria. Podemos vê-lo, por exemplo, na análise da “altercação” entre Alexandre de Afrodísias, Temístio, Averróis e Avicena sobre se o tacto exige um meio extrínseco (II, Tr. 3, cap. 33, pp. 318-319), a que dá a própria solução no capítulo seguinte em que, ao contrário de outros, pretende «preservar a verdade e mostrar reverência relativamente a Aristóteles, o pai dos filósofos» (cap. 34, pp. 320-321).

A parte mais importante da Introdução de Tellkamp é dedicada a uma apresentação temática do *Acerca da alma* e das principais posições que Alberto aqui defende sobre a alma (cf. § 4, pp. 25-60), sendo pouco compreensível que as citações remetam para as páginas da edição crítica e não para as páginas deste mesmo volume. Discutem-se sucessivamente a natureza da alma (Tellkamp considera que Alberto «es algo confuso», mas note-se que não se atém à interpretação desta obra, recorrendo sem explicação ao *De natura et origine animae*, uma obra mais teológica sobre a questão da origem da alma e sem contextualizar os diferentes argumentos usados em cada uma destas obras, cfr. pp. 29-20), a per-

cepção (onde também vê «ambiguidade» na teoria da “inmutação espiritual”, p. 37; ou que oferece uma explicação «problemática» sobre o papel da *species* na percepção, p. 38), as faculdades sensitivas interiores, a teoria do intelecto (onde é discutida a complexa proximidade e afastamento em relação à teoria dos intelectos possível e agente, retomada de Averróis, pp. 53-60). Os juízos críticos que vamos lendo deixam entender uma orientação interpretativa a partir das posições da Tomás de Aquino, como se essas fossem as posições doutrinárias adequadas e auto-evidentes, em vez de tratar Alberto Magno por si mesmo e pela discussão dos seus próprios argumentos.

A tradução integral do *De anima* de Alberto Magno é um feito notável e disponibiliza o acesso à obra a um mais vasto conjunto de leitores. É também um exercício filosófico de relevo porque a natureza técnica do texto e o vocabulário de Alberto constituem um desafio sério para qualquer tradutor que pretenda oferecer um texto fluido e filosoficamente compreensível. É desse desafio que Jörg Tellkamp dá conta quando descreve as suas opções de tradução: «con el deseo de presentar una versión castellana que sea inteligible, se ha intentado ajustar la terminología albertiana, en la medida de lo posible, a un vocabulário filosófico contemporâneo» (p. 60). Mesmo assim, o autor matiza a opção dessa ponte com a contemporaneidade, mostrando ter observado este princípio em limites razoáveis: «pareció deseable que la traducción facilitara una comprensión contemporánea de un texto filosófico medieval sin incurrir en anacronismos terminológicos innecesarios» (idem). Teria sido muito útil para o leitor que o tradutor exemplificasse estas opções terminológicas, ou publicasse mesmo o correspondente glossário, como é habitual em traduções académicas, o que permitiria ao leitor ajuizar sobre a respetiva adequação, ou ter em cada caso presente qual o vocabulário latino usado por Alberto. De qualquer modo, para esses casos que suscitem dificuldade ou a curiosidade dos leitores, o texto latino da *editio Coloniensis* é hoje acessível por vários meios. É também desta edição que provém uma seleção da identificação de lugares paralelos, de remissões ou de fontes assinaladas em nota da tradução. Jörg Tellkamp acrescenta algumas notas para clarificar conceitos ou, mais raramente ainda, para assinalar variantes da edição Stroick.

A publicação desta tradução do *De anima* é sem dúvida mais um bom contributo para a redescoberta em curso da obra de Alberto Magno. E o seu pensamento sobre o homem, a psicologia, a gnoseologia e a noética sairá valorizado pela leitura de uma das obras onde é exposto com mais clareza e sistematicidade.

José Francisco Meirinhos
(Universidade do Porto)